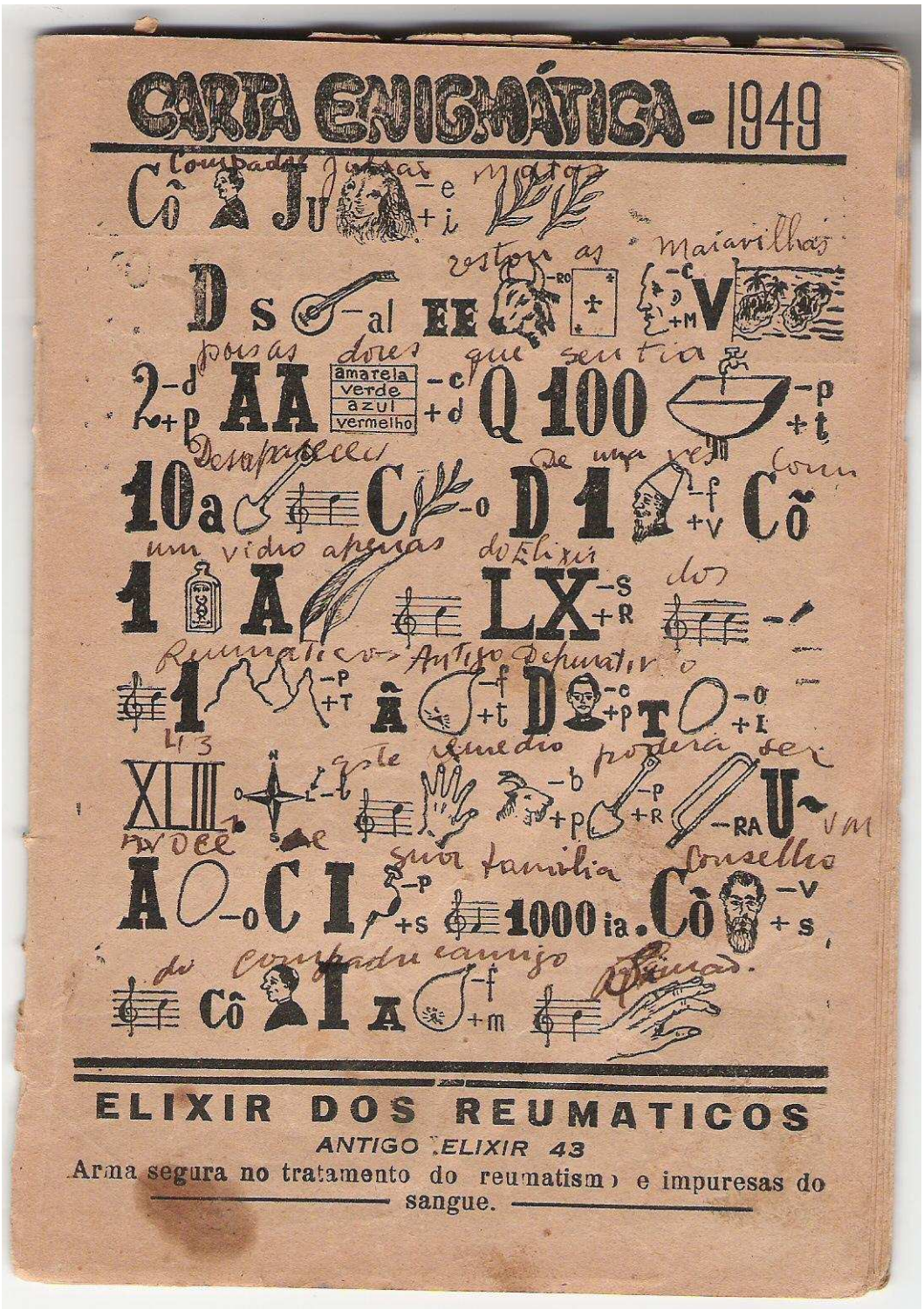
Balada do Cangaceiro
Sem Mãe e outras Baladas



Miguel Carneiro

Para os poetas amigos
Maria da Conceição Paranhos,
Adelmo Oliveira,
Soares Feitosa,
Florisvaldo Mattos,
Dom Pedro Casaldáliga,
Pedro Vianna,
e minha mulher Nete Benevides.

Balada do Voluntário da Pátria

Quando a guerra,
mostrou a sua verdadeira face,
beijei minha mãe em despedida,
e fui embora pro “front”.
Minha mãe continuou chorando
na beira daquele cais.
Enquanto o navio singrava
por águas repletas de sais.

Durante três semanas
naveguei naquele oceano,
com um único plano,
de eu não vir a me ferir.
A guerra tem dessas coisas:
A única lógica é
Inevitavelmente sucumbir.

Desembarquei naquelas terras,
E dentre charcos, pântanos e a escuridão,
Eu tinha que me salvar
Levando a bandeira de minha nação.

Balada do Cavaleiro Verde em Busca de Luar

Na garupa de meu cavalo,
vem quem eu possa confiar.
Pelos caminhos do mundo
onde a tirania não possa se instalar.
Levando na retina
a paisagem de cada lugar.
Trilhei por muitas terras
até onde meu galope pode alcançar.

Sempre manso no amor,
carinhoso no tratar,
e cruel na traição.
Na garupa do meu cavalo
só vem quem tem bom coração.
De onde eu vim
não queira me indagar:
Lá eu fiz a revolução.

Guerreei contra brutos,
armado só com o meu facão.
Deixei donzela apaixonada,
em alcova de grande mansão.

Por estradas vou andando,
galopando sem parar.
Meu cavalo é o companheiro,
quando se instala a solidão,
não tenho pouso,
só tenho a liberdade
entre as rédeas da minha mão.

Sou o cavaleiro verde,
vindo de longe do sertão.

O Anjo Exterminador

Coloquem pão ázimo
Por cima dos beirais
Para que eu possa identificar
A casa dos devotos
Tementes ao Senhor
Onde jamais Satanás
Poderá ali um dia
Querer se alojar.

Eu vou derramar dos céus
Chuva de fogo e enxofre
Para que tu possas
Saber que Deus
É o único em que se pode confiar.
Na entrada das cidades
Minha espada desembainhará
E escolherei aqueles que irei matar.

Botem pão ázimo
Em cima de vossos beirais
Para que eu possa identificar
A casa dos devotos
Tementes ao Senhor
Onde jamais Satanás
Poderá nela morar.

O vinho da ira da luxúria
Não mais irão beber
Descerão para as profundezas
Para que nelas se façam esquecer.
Por causa de tuas blasfêmias
Por conta de tuas profanações

Depositem pão ázimo
Por cima dos beirais
Para que eu possa identificar
A casa dos devotos
Tementes a Deus
Onde jamais Satanás
Poderá nela se aconchegar.

Abandonem as cidades
Fujam para as montanhas
Para que eu possa salvar.
Levem consigo seus filhos
a mulher e seus criados.
Levem até os seus animais,
As cidades eu o farei se incendiar.

E do céu um coro de anjos,
Descerá
Para celebrar a grandeza do Altíssimo
Até os séculos se findar.

O Herói Anônimo

Quando a opressão
Clama por Justiça
Eu então me engolfo nessa Legião.

Defendendo em plagas distantes
A liberdade instalada em meu coração.
Eu já estou mutilado
Diante de tanta revolução

Não tenho mais uma perna
Não possuo nem mais uma mão.

Dentro de mim
Bate apenas o vento
De uma nova rebelião.

Balada do Cangaceiro Sem Mãe

Vim de muito longe
Das terras de Massacará
Trazendo somente farinha
E a vontade de pilhar
Pelejando por caminhos tiranos
Entre xiquexique, macambiras e gravatás.
Perdido entre tantas lembranças
Sozinho, sem mulher, sem sonhar.

Vindo de muito longe
Pra nessa terra guerrear.
O punhal sobre o peito
E o meu ferro de marcar.
Zé Baiano é o meu nome
E não sei
Onde minha mãe agora estar.

Anel de ouro, trancelim,
Seda, cachaça
Trago no fundo do emborná.

A coragem no meu olho
Sou de longe, sou de longe
Das terras de Massacará.

A coragem no meu olho
Sou de longe, sou de longe
Das terras de Massacará.

Minha sina é morrer lutando
Em qualquer tiroteio
Na hora que eu for enfrentar.
Tenho a benção do Meu Padim
Meu corpo fechado
Bala nenhuma irá se alojar.
Nem as pegadas do inimigo
Poderá um dia me alcançar.

Dormindo em coitos
Sem puder se quer descansar
Acordando no breu da noite
Depois de parar pra rezar
Minha vida pertence
ao Deus Dará
Vim de longe,
Vim de longe,
Das terras de Massacará.

Cangaço
Para João Bá

Para quem pensa
Que o cangaço se acabou
Vive parado na história
O cangaço continua
Silencioso na memória
Sem volantes, cangaceiros
Ou Lampiões
Matando muito mais gente
Pelas cidades e pelos sertões.

Quem imaginou
Que no tempo do Capitão
Houve mais mortandade
Enganados todos estão
O cangaço anda solto
Com a anuência do grande Cão
Agora dando gravatas
Em insuspeitos cidadãos
Matando muito mais pais de família
Pelas cidades e pelo sertão.

O nordestino morrendo de fome
E o preto pobre metralhado na invasão
Lampião foi um santo
Besta é aquele que difama o capitão
Diga-me se o cangaço
Não tá aí agora, não
Sem clavinote, fuzil ou mosquetão,
Silencioso na capital Federal
Em pleno coração de minha Nação.

Balada do Desertor

Na Primavera a guerra prenunciava,
Uma nova batalha no Vale dos Mortos,
Como a destruição apocalíptica do Har-Magedon.
Lembrei-me dos inúmeros mutilados,
Volvi meus olhos de poeira e dor,
Para centenas de lares,
Repletos de órfãos famintos,
Onde o fantasma feroz da fome,
Rodava em círculo aquelas moradas.

Amarrei, então, o cadarço da botina,
Salpicado de lama e sangue,
Trilhei pela estrada deserta de minas,
Dando adeus a peleja
Nada de glorioso o me aguardava.

Apenas o pelotão de fuzilamento,
O uniforme rasgado,
Os botões dourados arrancados
E a insígnia tirada a força de meu peito.

Quando descansei ao cair da tarde,
Num rancho à beira da estrada,
Só havia entre os escombros,
Um naco de pão centeio,
Empoeirado na desordem daquela dispensa.

Faltava água para beber,
E o cantil já estava vazio,
E os rios corriam lentos em direção ao mar,
Passavam envenenados,
Nada mais podia esperar.

A minha arma vendi num bordel,
E entre putas e rufiões,
Celebrei a minha deserção,
Morri crivado de balas
com a minha própria arma,
Naquela madrugada azul e fria
Quando não mais havia
um níquel para eu gastar.

Para que serve um homem hoje em dia?
Somente para morrer,
Somente para matar.

Prece de um Pecador

Meu Senhor fui negligente
E agora estou doente
Por conta de minha transgressão
Não amar só ti
Diante de tanta farra e profanação

Meu Senhor estou convalescente
E busco o vosso perdão
Meu Deus
Não me abandones
Sou apenas um pobre grão
Pecando nesse pobre chão

Meu Senhor fui descuidado
E agora estou ferrado
Diante de tanta violação
Abrande minha pena
Diante do vosso Tribunal de Apelação

Pequei, Senhor!
Tenha piedade de mim
na hora de minha condenação.

O Herético

Numa madrugada
Quando queimava de febre
Suspendi os olhos para o oitão
E tremendo de frio
Busquei no tempo
Agasalho para a minha solidão.

Balada da Minha Dor

Eu sou um cão vadio sobre a face da terra,
Farejando no ar tanto indignação.
Eu lambi as feridas de São Roque,
Levei o seu precioso pão.

Eu fui o cão de caça do palácio de Gotardo.
Transitei num tempo de peste,
e nas colinas ao Leste,
quando me buscaram,
eu estava distante cravejando minha presa no calcanhar do Cão.

Eu estive com São Lázaro,
e testemunhei a sua ressurreição
Por longas décadas andei de pelo caído,
de sardas espalhadas pelo chão.
E nem por isso abaixei o meu focinho,
nem deixei que o carinho,
diluísse nesses tempos de completa podridão.

Eu permaneci ligado,
Algumas vezes travado:
de haxixe, maconha e bom bocado.
Nesse condado repleto por putas, veados e ladrões.

Eu vi a miséria tomar conta de meu país
e nem assim me exilei,
eu aqui fiquei.

Balada de um Homem Apaixonado em Meio ao Luar na Baía de Todos os Santos

Dos meus olhos cintilam faíscas vermelhas
Que incendeiam como fachos de fogo
Teu lençol encharcado de suor e centelha
A boca vermelha, rubra de tanta paixão
Busco na madrugada me embeber de tanta predileção.

O hálito delicioso de estranho almíscar
Envolve-me num clima de verdadeiro estupor
Respiga na memória as ancas belas de meretriz
E minha mão desliza na tua escultura verniz
Moldada em febre por Camile Claudel
E o lençol do véu
Lentamente descubro na penumbra desse meu céu.

Trêmulo de ardor dessa paixão
Toco com a ponta dos dedos
O bico eriçado de teu peito mortal
E como um bebê que busca a mama
Sugo com sede teu fruto abissal.
Revira-se, então, com pose de gazela,
E como um caçador de estepes africanas
Lanço o falo em tua gruta aveludada e bela.

Pego teus cabelos sedosos e macios
Mergulho os dedos na direção
De teu rosto de porcelana chinesa
Repousa enfim em meu peito de esfinges.
Lentamente adormece, e à francesa
a lua cruza a abóbada celeste
Em direção ao Japão.

Canção para ninar Gaiaku Luíza

Eu
não sei dos mistérios,
e nem ousaria desvendar.
Dentro de mim correm negros
que me fazem de ti aproximar.

Trago, porém, de longe
guardado em meu peito
teu doce nome para te louvar.

Minha Mãe dos Caminhos
me embale até eu sonhar.
Ò Gaiaku Luíza
Teu povo jeje veio nos tumbeiros a penar

Transportados feitos animais,
chicoteados, humilhados.
Renascem por tuas mãos,
na longa luta,
através de teus Orixás.

Declaração de Princípios
Para o poeta Zéduardo Souza

Quem andou em cavalo baio
Nunca esquece a montaria
Chuva de molha não enche barreiro
Pedra de toque não é cantaria

Eu sou madeira de dar em doido
Eu sou barro bom de alvenaria
Martelo, prumo e serrote
Sou poeta da Bahia

No tempo de meninote
Andei tudo que é freguesia
Farra pra mim só três noites
Homem valente não é sinal de valentia
Bacalhau já foi comida de pobre
Asfalto foi quem trouxe a carestia

O diabo já morou no céu
Chuva do sul é invilia
Marmanjo já teve na escola
Conversa de bêbado nunca teve serventia

Eu sou madeira de dar em doido
Eu sou barro bom de alvenaria
Martelo, prumo e serrote
Sou poeta da Bahia.

Canção das noites de abril

A minha amada
tem olhos de madrugada
como fachos acesos de tição.
A minha amada é inquilina
bem menina
de meu velho coração.

Chama-me pro canto
Fascina-me
faz-se de traquina
em meu templo de celebração.

A minha amada tem a boca de mel
semelhante ao manjar do céu.
De travo tão bom,
espairecida no Jardim das Delícias
E nessa preguiça
permaneço a lhe enamorar.

Minha amada tem um cheirinho
que de longe eu posso identificar
Aquece-me e me cobre
e dorme sempre depois que eu estou a cochilar

A Degola em Canudos

Foi uma guerra sangrenta

Que rompeu no sertão,

Quatro exércitos mobilizados:
De baionetas, fuzis e canhão.
E meu Bom Jesus Conselheiro
dando testa a tanto capitão.

Degolaram criancinhas, mulheres e ancião.
O sangue dos inocentes
espalhou-se pelo chão.
E a sordidez da covardia
se instaurou na Nação.

Valei-me, valei-me, valei-me,
Valei-me meu São Sebastião.
Salvai as almas dos degolados,
mandai os degoladores
para as profundezas do Cão.

Para Boi Dormir

Maria da Anunciação Moranda das Noitinhas,
onde os grilos cantam à tardezinha,
para avisar que a barrinha,
estava sumindo.

Perto da Malhada Comprida,
seu Zé da Anunciação,
com sua solidão,
vem capengando,
aboiando,
sem se importar com a cara do Cão.

No fogão de lenha,
a panela de feijão mulatinho chia,
pia,
ó tia,
e a cascavel no bote esperando uma rã.

Aquela vontade terçã,
de avistar as serras do Bugio,
e de onde me guio,
lembro dos Rios,
que enterraram patacas de ouro,
para as cabras do Istopô,
berrarem chamando os aliados.

Lá em casa meu louro,
sem nenhum agouro,
está a me aguardar.
Os meninos da Anunciação,
soletram o abc do sertão:
Da chegada de Lampião.

Tá tudo no mato,
e eu sem sapato,
com sandália de rabicho,
vendo tudo que é bicho,
nesse chapadão.

Vai desaguar trovoada,
Meus companheiros darão gaitada,
e a terra vai despregar da lua,
e ela toda nua,
com o cavalo de São Jorge despontando garboso,
todo formoso,
com as bridas de prata alumiando o sertão.

E essa cambada de gente,
nessa aporrinhação.
Empalhando jaracuçu,
comendo teiú,
e não sabe onde fica o Boqueirão,
Né, mesmo, Seu Zé da Anunciação?

Boqueirão de Minhas Lembranças

Para minha filha Laura

"Santa Bárbara, Virgem
dos cabelos louros
a sua morada
é na pedra do ouro"
Domínio Público

Tocós, Cipó, Cocorobó, Caldeirão

Riachinhos, riachos, fontinhas, minação

Cedro, Peixe, Sacraiú, Riachão

Água de beber, água de beber, água de beber, meu irmão

Pedra do Taquari, Passagem, Olaria, Tanque da Nação

Cari, corró, donilo, piaú, camarão

Cabaça, carote, pote, porrão

Água de beber, água de beber, meu irmão

Rio do Peixe, Rio Castelo, Rio Achado no Chão

Rede de Três Maio, canoa, tarrafa, temporão

Lagoa Funda, Barreiros, São José, Gavião

Água de beber, meu irmão

Baronesas, golfos, mulungus, sangradouros, corrimão
Afogados da Gameleira, Mestre Domingos, Lontras,
Zé de Epifânio acordando os peixes no breu da escuridão.

Noites de velas,Sentinelas, Água de gasto
Teu batismo João.
Por favor,
Não mate meu Jacuípe
Não mate meu Jacuípe
Povo de meu Riachão.

Senhor,
Meu Deus!
Não me deixeis cair também nessa tentação.

Agora e para sempre
Na hora de nossa morte,
Rios de minha vida
Ó ó ó doce Boqueirão.

Balada de Afonso Mantta

Lá vai, lá vai, lá vai...
Lá vai Afonso pra se encontrar com Deus.
Recitando em redondilha maior
Toda a verve de um ateu
na província de São Fudeu.

Lá vai, lá vai, lá vai...
Lá vai Afonso pra se encontrar com Deus.
E rebradar que a loucura
não deixa o juízo apodrecer,
e que pela terra ficaram poetas,
de varas tesas até o amanhecer.

Lá vai, lá vai, lá vai...
Lá vai Afonso pra se encontrar com Deus
em sua perpendicular,
fazendo da pedra de toque,
o ouro que ornata seu versejar.

Lá vai, Lá vai, lá vai...
Lá vai Afonso pra se encontrar com Deus.
E nesse adeus,
estamos nós esperando a hora chegar.

Balada do Amargoso

Meu avô Antônio Geminiano Santana não nasceu escravo,
mas como escravo fosse,
e sentisse no lombo o peso do vergalho seco de boi,
açoitado por um capitão do mato ou qualquer capataz,
e gemesse de dor na Coluna do Suplício.

Meu avô Antônio Geminiano Santana,
negro forro das terras do Amargoso,
vaqueiro do coronel Aurélio Mascarenhas,
comia em casco de cágado,
bebia num litro de óleo rícino,
como forma de humilhá-lo.

Das boiadas que meu avô Antônio Geminiano Santana tangeu pela vida afora
muitas ficaram pelos caminhos,
ou se perderam dentro dos próprios currais dos Mascarenhas.
Algumas foram trocadas numa mesa de pôquer,
todas marcadas a ferro que o próprio tempo
fez questão que a escória e a oxidação perdesse o sinal de ferrreiro,
moldado o ferrete em ferro aceso no bater do martelo na bigorna
fria da Rua dos Velhacos.

E as terras que meu avô Antonio Geminiano Santana mediu na vara de braço,
só restaram a traça corroendo os selos, à tinta dos carimbos, e o calhamaço de
averbação,
em pleno arquivo morto, jaz no Fórum Desembargador Abelard Rodrigues dos Santos,
meu padrinho, em pleno Riachão.

Meu avô Antônio Geminiano manso como suas próprias criação,
tangia com vovó Umbulina sua prole numerosa que se espalhou pelo sertão ,
e de espeto de aguilhão,
sentiu nas costas iniqüidade dos coronéis de títulos comprados à Guarda Nacional.
Não havia a quem reclamar:
se a Deus ou se ao Diabo.

Morreu pobre
abandonado num beiço de tanque,
enfartado e roxo,
no dia que o coronel lhe expulsou da própria fazenda,
que há quarenta anos tomava conta.
E em seu féretro,
o coronel também lá não apareceu,
ficando somente eu,
para recontar seu amargoso.

São Tomé

Eu nunca vi estrela brilhar de dia

mofino ser valente

lascado ter fidalguia

rapariga ter compostura

vaqueiro ter regalia.

Eu nunca vi mulumgu ser pau pesado

mentira ter alguma serventia

velhaco comprar fiado

burro nascer na Bahia.

Eu nunca vi satanás gostar de missa

santo ter alguma cobiça

fevereiro ser de trinta

mal encarado sem malicia.

Eu nunca vi Ferro Doido sem tranqueira

mulher velha ser parideira

hotel sem camareira

jaleco sem algibeira.

Eu nunca vi corno sem chapéu

soldado sem seu quartel

noiva casar sem véu

estrela não nascer no céu
luta sem pancadaria
palhaço sem sua alegria.

Eu nunca vi igreja sem padroeiro
peixe andar pela estrada
fuxiqueira não virar cocada
Virgulino não ter cangaceiro
fifó virar candeeiro
malungo não ser companheiro.

Eu nunca vi, eu nunca vi, eu nunca vi
barbeiro sem sua navalha
fogueira sem tição
pobre comer todo dia
rico não ter parte com o cão
rio correr pra trás
urubu virar ave de arribação.

Eu nunca vi, eu nunca vi
e agora vou terminar
umbuzeiro sem fulorá
velho ter algum tesão
o Brasil pagar sua dívida
e banqueiro deixar de ser ladrão.

A Função de um Poeta

Eu não era tão amargo assim,
nem trazia no rosto a marca do sofrimento.
O semblante sisudo herdei por conta das tragédias.
E o sorriso de menino indefeso desapareceu de meus lábios finos.
Quando descobri verdadeiramente o mundo
esse se desmoronou sob os meus pés.
Procurei, então, nas sendas do passado:
Tude, a negra alta, que mercava fufu
numa lata de manteiga da Aliança para o Progresso,
Os cambucás doces da Lagoa Funda de Américo Carneiro,
A suave proteção de meu avô Augusto Asclepíades.
Mas tudo se esvaiu como uma névoa branca
repleta de saudades.
Canto agora a minha dor,
e sou apenas um pequeno poeta jacuipense,
num canto escuro de uma casa,
sem amor.

Malungos

Nasci nas caatingas de Riachão,
e pela beira do Rio Jacuípe,
que descia leve para alcançar o Paraguassu,
aprendi o nome dos peixes e dos bichos.
E entre tantos companheiros que se foram
levados pela enchente do implacável tempo,
ficou apenas um, pelejando contra a Besta:
Foi Manoelito de D. Dora,
que nas manhãs azuis jacuipenses,
recitava para mim os Salmos de David.
Fui ficando sozinho no ermo da estrada.
Meu pai que me presenteava com livrinhos,
e minha irmã que me cobria de carinhos.
Se perderam pelos caminhos.
Sou agora um carneiro perdido,
Desgarrado do seu rebanho,
Pastando sozinho nesse Vale de Lagrímas.

Ad majorem dei gloriam,
No 151º da proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria.
Salvador, Bahia de Todos os Santos, 2005.